

BRUNO M. FRANCO

FÚRIA

MORTAL

NOVO LIVRO DA SAGA «MORTAL»



*Conhecer a própria escuridão é o melhor  
método para lidar com a escuridão dos outros.*

CARL JUNG

### **Aviso**

Todas as personagens deste livro são obra de ficção e alguns locais podem ter sido alterados simplesmente para benefício da narrativa.

Caso existam semelhanças com pessoas reais será pura coincidência.

## PRÓLOGO

Uma mulher caminhava com ligeireza, os saltos altos a matraquearem no piso escorregadio e sujo. Numa mão segurava um cigarro, que agitou para eliminar as cinzas, voltando a colocá-lo entre os lábios. Na outra, levava o telemóvel, que piscava com uma notificação.

Seria um novo cliente? Ela ignorou e continuou a caminhar.

O cabelo desalinhado, as roupas amachucadas, a saia curta, os olhos encovados, o olhar ligeiramente ausente como se o espírito tivesse sido quebrado e tivesse abandonado o corpo castigado. A madrugada ia longa e já tinha atendido dez clientes. Estava de rastos.

Consultou novamente o telemóvel.

Tinha chegado ao sítio certo.

— Olá, Tita.

A mulher sentiu os pelos eriçarem-se. Algo no tom daquela voz a arrepiou.

Virou-se e viu um homem jovem, com bom aspeto, que a olhava como se fosse mercadoria. Apesar de tudo, era dos clientes mais atraentes que lhe tinham passado pelas mãos nos últimos tempos.

— És o... — olhou para o ecrã do telemóvel.

— Sim, sou — interrompeu-a. — Vamos?

Hesitante, assentiu e aguardou que ele lhe indicasse o caminho para o prédio mais próximo. No entanto, ele apontou para uns caixotes do lixo. A mulher lançou-lhe um olhar cético. Só podia estar a brincar com ela!

— Não estás a perceber. Quero-te foder atrás dos caixotes.

— Não moras aqui?

— Moro, mas...

— Mas o quê, caralho? És algum doente que quer foder com cheiro a merda?

— Não tenho privacidade em casa, não dá.

— Tens noção da quantidade de casados que me procuram? Eles arranjam tempo, devias ter pensado no mesmo. Aqui não dá para o fazermos. No Parque Eduardo VII é normal fazermos no meio dos arbustos, agora aqui... Só vim porque me disseste que seria em tua casa, foda-se. Não me lixes.

— Eu não sou casado, só para que saibas...

Olhou-o com estupefação.

— Vives com os teus paizinhos?

— Isso não é relevante. O que te devia interessar é que tenho dinheiro para te pagar. Muito.

Para exemplificar, retirou um molho de notas de vinte euros do bolso e agitou-as em jeito de provocação. Assim por alto, deveriam estar ali uns quinhentos euros. Não era brincadeira nenhuma.

Ela olhou para a zona do lixo. Os caixotes estavam colocados à beira do passeio. Atrás tinham espaço onde podiam despachar o serviço, protegidos pelos contentores e pelas copas de umas árvores.

— Pagas-me o triplo do que combinámos ou acabas a noite a bater uma punheta.

Ele mordeu os lábios, furioso pela exigência, mas depois de alguma ponderação, aceitou. Começou a desapertar a braguilha ainda antes de começar a andar.

— Eu trabalho com pré-pagamento — recordou ela, a mão a atirar a beata para o chão e a estender-se para receber o dinheiro.

O homem voltou a retirar o molho de notas e entregou-o à mulher, que o recebeu com os olhos a brilhar enquanto fazia contas de cabeça. Aquele dinheiro dava para pagar três meses de creche.

Ela alterou a sua expressão e guardou o dinheiro na bolsa com um desprezo ensaiado, como se fossem trocos. Encaminharam-se para trás dos contentores do lixo e a mulher só conseguia agradecer mentalmente à dose que tinha tomado há pouco e que ainda estava a fazer efeito. Para ele ter prazer, ela teria de se sentir suja no meio daquele chavascal de lixo e de cheiros fétidos. Não fosse a droga que vagueava no seu sistema, teria dificuldades em avançar com aquele trabalho. Ele até podia ser apresentável, mas o local era uma merda. Literalmente.

Viu-o baixar as calças e fechou os olhos, a preparar-se mentalmente.

Quando os abriu, encarando o penúltimo cliente do dia, mal sabia que se aproximava vertiginosamente do fim.

# CAPÍTULO 1

## LEONARDO

O corpo estava transpirado, cansado. A respiração soltava nuvens de condensação para o ar fresco do final do inverno. Caminhava em passadas calmas, controladas, com esgares de dor, regressando a casa e restabelecendo as forças e a respiração. Realizara uma marcha ambiciosa, a ultrapassar largamente os três quilómetros. Para alguém a recuperar de uma operação, não era nada mau.

À sua volta, vários turistas desfrutavam das atrações da capital portuguesa enquanto ele se encaminhava para a Praça da Figueira onde vivia num dos apartamentos mais altos daqueles prédios antigos.

O Sol que surgira naquela manhã de março era reconfortante e carregava consigo as saudades de tempos mais quentes.

Leonardo Rosa, inspetor da Brigada de Homicídios da Polícia Judiciária de Lisboa, passou a manga da camisola pelo rosto, secando-o ligeiramente. Transpirava em bica. Já não estava habituado àquele nível de esforço. Há meses que não se exercitava como gostava.

Sentiu dores abdominais durante a caminhada, que agravaram ao subir as escadas. Entrou no apartamento a gemer, com a mão no abdómen. Fora operado a um carcinoma no intestino há mais de três meses, mas sentia-se cada vez melhor. Tinha momentos em que nem sequer se lembrava da colostomia, embora descurasse na sua limpeza.

Suado, tirou a camisola, atirou-a para o cesto da roupa suja e entrou no duche. A água morna refrescou-o e relaxou-o. Depois de se limpar com uma toalha macia e vestir umas calças de fato de treino e uma T-shirt, sentou-se no sofá a fazer zapping.

Era quinta-feira, 10 de março, e estava farto de estar em casa, longe da PJ. Ficar em casa aborrecia-o de morte e não sabia o que fazer consigo próprio. Vivia do trabalho e sentia falta da adrenalina. Precisava de se sentir útil.

Precisava de voltar, urgentemente. O médico informara-o que teria de ficar no mínimo quatro meses de baixa para evitar complicações, mas Leonardo era diferente. Em três, apenas, sentia-se quase como novo e tinha a certeza que estava apto para voltar.

Ou assim queria acreditar.

Continuou a carregar no comando, saltando de canal em canal, sem prestar atenção, até que um deles chamou a atenção. O jornalista falava do caso *Olimpíadas da Morte*, no qual o inspetor fora acusado pelas mortes que provocara durante a competição na ilha da Madeira. No início do ano fora a tribunal prestar declarações e percebeu que havia duas grandes fações: os que o apoiavam e que defendiam que ele matara apenas em legítima defesa, no âmbito de um contexto único que o levava a tal; e os que estavam contra o inspetor e que queriam que ele fosse preso. Ainda assim, e pelo que via nas redes sociais, sentia que a maioria da opinião pública era a seu favor e compreendiam aquilo por que passara, e que lhe deixara uma marca indelével no espírito; era algo impercetível, mas sabia que estava lá. Sentia-o. E não sabia se gostava disso.

Mal podia sair de casa sem atrair as atenções. Ficara famoso no país e, até, em vários países da Europa e da América, principalmente após um documentário da Netflix sobre as *Olimpíadas da Morte*, que retratara na perfeição o que acontecera em Portugal. Por isso, fechara-se em casa nas últimas semanas e raramente consultava as redes sociais e a televisão, onde acabava inevitavelmente por se deparar com comentários e notícias que o deixavam ora angustiado e nervoso, ora de coração cheio.

Ele odiava o mediatismo. Odiava ser conhecido e dar nas vistas. Felizmente, essa notoriedade não se estendeu para a sua parceira na PJ, Marta Mateus. Seria terrível para futuras investigações se ambos



fossem famosos. No entanto, ele sentia que o mediatismo diminuiria bastante na última semana, e acreditava que desapareceria por completo após a leitura do acórdão, que ocorreria em breve. Fosse ele considerado culpado ou não, aquele circo estava quase a terminar.

Houve outra mulher que figurara essencialmente nos jornais e revistas mais sensacionalistas e que dividira a ribalta com ele: Laura Capuchinho, a mulher com quem Leonardo se envolvera na altura das *Olimpíadas da Morte* e que acabara por se revelar uma criminosa, tendo cometido homicídio por negligência. Para ser mais exato, infanticídio por negligência. Leonardo descobrira o cadáver da filha de Laura em casa dela, o que resultara na sua detenção e no fim da relação. Laura foi julgada no início do ano e fora dada como inimputável através de um parecer psiquiátrico, o qual referiu com grande ênfase que ela sofrera de um caso severo de depressão pós-parto e que não soubera lidar com a existência do seu bebé. Leonardo acompanhara todas as notícias em torno do julgamento, e não ficou surpreendido quando ela saiu em liberdade do tribunal. Só a queria longe de si. Mais nada.

Mudou de canal durante uns minutos, aborrecido.

Suspirou longamente, olhando para as paredes de casa e deixando o comando da televisão cair no chão, o aparelho a transmitir um filme romântico qualquer.

Precisava mesmo de voltar ao trabalho ou não seria o cancro que o mataria, mas o tédio.

## CAPÍTULO 2

### LEONARDO E MARTA

A seguir ao pequeno-almoço, enquanto fazia alguns alongamentos, soou a campainha. Segundos depois, o rosto sardento de Marta surgiu na moldura da porta. De sorriso hesitante, entrou.

— Olá, M&M.

— Olá, Leo. — Olhou-o de alto a baixo. — Estás bastante... confortável. A aproveitar a baixa, estou a ver.

— Há que tirar proveito das más situações.

— Fazes bem.

— Queres alguma coisa para beber?

— Estou bem assim, obrigada.

Encaminharam-se para a sala. A televisão transmitia as notícias do dia e Leonardo apressou-se a arrumar o tapete de ioga, enrolando-o e colocando-o a um canto.

Sentaram-se em pontas opostas do sofá e Marta, com o seu cabelo ruivo a pender sobre os ombros, sorriu com ternura por se encontrarem novamente.

— Como estás? Pareces mais magro.

— E estou. Perdi uns sete quilos... Por causa das restrições alimentares.

— Então já sei o que fazer se precisar de emagrecer. Boa dica.

— Como se tu precisasses.

— Como está a tua amiga?

— A minha amiga?

— Sim, a tua amiga — lançou um olhar para a barriga de Leonardo.

— Ahah, a minha amiga, a colostomia. Cá está, firme e bem fechada.

Marta sorriu perante a descontração dele face ao que era agora obrigado a suportar.

— Tens dores?

— Hoje consegui fazer três quilómetros, acreditas?

Marta abriu a boca de espanto e abriu os braços.

— O quê? Isso é incrível! Mas o médico não recomendou quatro meses de baixa? Estás-te a esticar um bocado...

— Foi só andar depressa, não foi correr. Foi tipo marcha.

— Aquela marcha hilariante que é modalidade olímpica? —  
Marta deu uma gargalhada.

— Qualquer coisa do género, sim — Leonardo olhou intensamente para Marta.

Ficaram em silêncio uns momentos enquanto se olhavam e mil pensamentos passavam pelas cabeças de ambos. No Natal passado, Marta fora a casa da irmã de Leonardo fazer-lhe uma surpresa. Sabendo-o a recuperar da cirurgia e combalido, quisera dar-lhe o derradeiro presente de Natal: um beijo intenso e apaixonado. Fora o ponto alto de ambos desde que se tinham separado. Ficaram a noite toda a conversar, mas a partir do momento em que Marta saíra de casa para regressar à sua família, nunca mais se tinham visto. Leonardo ficara assustado pelo ressurgimento dos seus sentimentos por Marta e não se sentia confortável no seu estado atual. Se havia coisa que não se sentia era sensual. A colostomia dera cabo da sua autoestima e levava-o a acobardar-se. Os dias passaram, gerou-se um efeito tabu e acabaram por pouco ou nada conversar desde então. Era estranho estar tanto tempo sem comunicarem, mas Leonardo queria concentrar-se na sua saúde e na resolução do julgamento. Além de que saíra de um relacionamento relativamente sério de uma forma demasiado dramática para ter vontade de voltar novamente ao jogo.

No entanto, tudo isto não passava de desculpas esfarrapadas. No fundo, tinha medo do que sentia por ela. Medo de errar e de arruinar a melhor relação que tinha na vida.

Estaria ela ressentida pelo seu silêncio?

Leonardo chegou-se um pouco mais perto de Marta, movimento que não passou despercebido à colega. Notou um ligeiro erguer do canto dos lábios.

— Tens novidades sobre o vídeo da tua mãe?

Marta referia-se ao vídeo que eles tinham recebido após o final das *Olimpíadas da Morte*. Nesse vídeo, a grande responsável pela criação da competição falou-lhes e revelou a sua identidade como sendo a mãe de Leonardo, Margarida Rosa, que julgavam morta há mais de dez anos.

— Já vi esse vídeo milhares de vezes, mas não consigo perceber onde ela está. Enviei para o departamento informático da PJ. Ainda não tive qualquer resposta. Nem sei se vou ter. Ela é muito esperta e fez tudo para não ser apanhada. Sinceramente, não tenho grandes esperanças de a encontrar...

— Mas qual era a tua intenção? Se ela estiver no estrangeiro não vais poder sair de Portugal. Estás a aguardar julgamento pelas mortes das *Olimpíadas*.

— Eu sei, mas eu tenho um plano que envolve um favor de uma certa pessoa — assegurou Leonardo, misterioso.

— Que favor? Que pessoa?

— Para já não posso contar nada, desculpa. Quando o momento chegar saberás.

Ela olhou-o com censura, sem acreditar que ainda houvesse segredos entre eles.

— E se a encontrares... o que vais fazer com a tua mãe?

Leonardo recostou-se no sofá. Era uma questão que lhe ocupava a mente todos os dias. Tinha uma ideia bem formada, mas tinha medo de não a conseguir concretizar.

— Depende do contexto, mas o mais provável é detê-la e exigir-lhe explicações. Mesmo sendo minha mãe, não pode escapar incólume a tantas mortes. É uma criminosa, M&M.

Marta estendeu a mão e pegou na de Leonardo, que sentiu eletricidade percorrer o corpo.

— Já sabes que podes contar comigo e estarei ao teu lado em cada passo.

Leonardo assentiu, mas tinha de redirecionar a conversa. Estava a ficar demasiado pessoal, demasiado sentimental.

— A investigação dos envolvidos nas *Olimpíadas da Morte* não deu em nada, certo?

Marta retirou a mão e abanou a cabeça. O feitiço quebrou-se.

— Não. Verificámos tudo e mais alguma coisa, interrogámo-los várias vezes, mas não obtivemos qualquer informação extra. Estão a aguardar julgamento em prisão preventiva, por causa do risco de fuga, mas não vamos conseguir mais nada deles.

— Não faz mal. Eu cá me arranjo em encontrar a minha mãe. O que me interessa é que eles paguem pelo que fizeram.

— Com as provas que reunimos, não têm qualquer hipótese. Vão ficar presos muito tempo.

Leonardo sorriu perante a ideia de se fazer justiça para as dezenas de famílias que perderam um familiar na competição absurda que ele ganhou.

Marta deu um pequeno pulo quando o seu telemóvel tocou, interrompendo o silêncio que se formara entre eles. Atendeu de imediato e Leonardo viu que era da PJ.

Levantou-se e foi para o quarto trocar de roupa. Deixou a roupa desportiva em cima da cama e vestiu a roupa de trabalho, umas calças chino pretas, uns sapatos, uma camisa branca e um sobretudo comprido, azul-escuro, que lhe caía muitíssimo bem.

Quando regressou à sala, Marta estava a desligar o telefonema e a mexer distraidamente numa madeixa do seu cabelo. Olhou para a mudança de vestuário do colega. Começou a rir-se e a agitar o indicador.

— Nem penses, Leo!

— O que foi?

— Não te faças de sonso.

— Eu quero voltar ao trabalho. Seja o que for, eu quero voltar. Eu preciso disto. Ou começo a dar em louco. Preciso de exercitar a minha mente.

— Queres que te traga livros com palavras cruzadas e sudokus para fazeres?

— M&M...

— Não! Não pode ser, Leo. Estás em recuperação. Trabalhar num caso deste tipo pode estragar tudo.

— «Deste tipo»? Que tipo de caso? — Ergueu as sobrancelhas e aproximou-se dela, sorrindo. — Agora que despertaste a minha curiosidade já não tens hipótese. Vais ter de me levar contigo.

— Leo, não podes...

Leonardo fez beicinho, mas sem grande jeito.

— Vou como consultor — sugeriu. — Vá lá... Não precisa de ser oficial. Faço tudo o que mandares. Tu é que tomas todas as decisões. Mesmo que eu não as apoie, eu acato o que decidires sem reclamar.

Ela pareceu ficar intrigada com a proposta e indecisa sobre o que fazer.

— Então se eu te disser para saíres se fizeres merda, tu saís?

— Ficas tu encarregue do caso e eu limito-me a dar a minha opinião sem exigir nada. Tu é que mandas, M&M. Prometo. Se achares que estou a comprometer a investigação ou se achares que não estou em condições, é só dizeres e eu afasto-me e acabo a minha baixa médica em casa.

Marta ficou estática a olhar para ele, a tentar decifrar se ele estava a ser sincero ou se só dizia aquilo para a convencer. Inspirou fundo e abanou a cabeça, um sorriso a querer surgir.

Leonardo respirou fundo. Tinha conseguido. Ia mesmo voltar ao trabalho.

— Por acaso até me dá jeito a tua ajuda, para ser honesta.

— Porquê? Algum problema?

Marta mordiscou o lábio, um ar pesado a cair sobre si.

— Receio que o Estripador de Lisboa esteja de volta ao ativo.

## CAPÍTULO 3

### LEONARDO E MARTA

O Estripador de Lisboa ficou conhecido por ter assassinado três mulheres entre 1992 e 1993. Fora um assassino em série que escapara às garras da polícia. Nunca fora apanhado pela Polícia Judiciária e constituía um dos grandes mistérios por resolver em Portugal.

Tinham passado trinta anos desde que matara pela última vez. Estaria ele de volta?

— Se o Estripador de Lisboa estiver de volta, implica que ele agora tenha, no mínimo, uns 50 anos, embora seja mais provável estar perto dos 60 — notou Leonardo, sentado no lugar do pendura do Chevrolet conduzido por Marta. — Será possível?

— Não sei. Pode ser um imitador, mas o que eu vi não é bonito.

— Não esperava outra coisa.

Com a curiosidade mórbida em alta, foi com uma boa dose de ansiedade e expectativa que chegaram ao local do crime, em Camarate, e saíram do veículo, estacionando perto do limite criado por agentes da PSP, os primeiros a chegar ao local e que acabaram por definir um perímetro de segurança em torno da cena do crime.

O vento soprava com delicadeza e o Sol matinal espreitava por umas nuvens claras. A primavera aproximava-se a passos largos.

Passaram por um pequeno ajuntamento de pessoas que começaram a tirar fotos e a pedir selfies com Leonardo Rosa. O momento em que as pessoas o reconheceram foi captado na perfeição pelo inspetor. Rostos surpreendidos, bocas abertas e olhos gananciosos. Estava lá tudo. Avançaram com determinação pelo meio das pessoas, na procura da salvação além da fita de plástico da polícia. Mas a vontade das pessoas não se tardou a fazer ouvir.

— Leonardo Rosa, tire uma foto comigo!

— Leonardo!

— Campeão, espera só um bocadinho!

Para piorar a situação, alguns jornalistas surgiram do meio do aglomerado, de telemóvel ou gravadores em riste, como um bando de predadores focado em obter uma declaração do inspetor.

— Inspetor Leonardo Rosa, é verdade que está a voltar ao ativo?

— Já se sente melhor da sua operação ao cancro?

— Sente que tem condições físicas e mentais para investigações, com tudo o que lhe está a acontecer na vida?

— Acha que vai para a prisão?

Leonardo encarou as pessoas, a sua visão a ficar vermelha e o peito a preencher-se de escuridão. A fúria que sentia por ser o centro das atenções começava a transbordar no seu olhar. Queria mandá-los à merda.

Queria ser anónimo outra vez.

Apercebendo-se que o colega estava prestes a explodir, Marta pegou na mão dele e puxou-o para a frente, arrancando-o do cerco que se formara em torno de si. Ao sentir o toque suave, quente e familiar na sua mão, toda a escuridão desapareceu do coração, esfumando-se num ápice.

— Ignora-os, são como abutres — reclamou ela, ao transporem a fita da polícia. Mostraram as identificações com alguma brusquidão e avançaram.

— Só quero que me esqueçam, sabes? — comentou, assim que ela quebrou o contacto que o estava a deixar com o coração acelerado.

— Eu sei, mas já sabes que enquanto o julgamento estiver em aberto, as pessoas não vão seguir em frente. No final do mês, quando for lida a sentença e tudo isto terminar, tenho a certeza de que vão começar a esquecer-te. Há de acontecer qualquer coisa nova e mais suculenta para eles se concentrarem.

— É só isso que peço.

Percorreram a Rua Olival, no Bairro da Boavista, em silêncio. Era uma zona que necessitava de cuidados, muitas remodelações



e uma limpeza geral. A estrada era estreita e esburacada, com zonas alcatroadas à balda, com remendos de cores diferentes, buracos, altos e ervas resilientes que furavam entre as fissuras urbanas. Barracões de chapas de metal enferrujado compunham um dos lados da estrada.

Junto a um poste de iluminação com graffitis na base, avistaram dois agentes da PSP e um homem da Judiciária que conheciam muito bem.

— Olá, Cristóvão — cumprimentou Marta, acenando em reconhecimento. — Como estás?

— Ótimo — respondeu Cristóvão Martins, empurrando os óculos fundo de garrafa mais para cima na cana do nariz. Tinha um ar de perpétua distração. Não fosse ele um velho conhecido, com mérito para ser considerado o melhor médico-legista, e no qual mais confiavam, diriam que era um despistado de primeira. — Vejo que trazes reforços. Como estás, Leonardo? Folgo em ver-te.

Os dois homens cumprimentaram-se e o médico puxou-o para um abraço um pouco constrangedor; Cristóvão não era dado a demonstrações de afeto e era perceptível na forma algo tosca com que agarrava o inspetor bem apertado no peito.

— Estou a ver que estás cheio de saudades minhas.

— Claro, mas é mais do que isso.

— Então?

— Tudo o que te tem acontecido desde que estiveste na Madeira... Ninguém merece. Estamos todos do teu lado e a torcer por ti. É injusto que te esteja a acontecer tanta coisa ao mesmo tempo.

— Obrigado, nem sei o que dizer, pá — Leonardo não estava habituado àquele tipo de comentários por parte do médico legista.

— Vamos a isto? — Cristóvão fez sinal com a cabeça para a cena do crime, terminando aquele momento raro de sentimentalismo entre colegas.

Os inspetores vestiram os fatos de proteção e, com Marta a liderar o grupo, avançaram pelo caminho ladeado de ervas daninhas que lhes chegavam à cintura.

Passaram por uma abertura e entraram no barracão. O cheiro férreo a sangue empestava o interior, escuro, com um foco de luz a iluminar o centro, como uma triste cena de um espetáculo dramático.

Um corpo nu de mulher repousava numa poça de sangue coagulado. Estava aberto, selvaticamente estripado, o tórax, braços e pernas carregados de marcas de facadas. O abdómen era um buraco escuro cuja pele tinha sido atirada para o lado, a uns metros do corpo. A cavidade do abdómen parecia um pequeno tanque com sangue. Em cima da cabeça, tapando-a por completo, tinham sido colocados os intestinos da vítima, uma amálgama de carne pútrida a esconder o rosto da mulher. Os seios tinham sido cortados e não estavam à vista. A vagina parecia ter sido violentada e destruída por completo e o pescoço tinha escoriações profundas.

Uma urgência de vomitar apoderou-se de Leonardo, resultado da combinação do cheiro fétido do barracão com a imagem obscena que se apresentava à sua frente.

— Já identificaram a vítima?

— Ela não tem documentos e, como podes ver, o rosto está... tapado — respondeu Marta.

— Cristóvão, conseguiste definir a causa da morte?

— Preciso de levar o corpo para ser autopsiado. Assim à primeira vista vejo inúmeras hipóteses, mas algo me diz que aquelas marcas no pescoço, que foram feitas por trauma por abrasão, poderão ter sido a verdadeira causa da morte.

— Achas que ela foi estrangulada antes de ser... bem... estripada? — questionou Marta, que sentia o cheiro fétido apesar da máscara de proteção.

— Sim, a vítima teria de estar imobilizada de alguma forma para que o assassino a pudesse *trabalhar* desta maneira — aproximou-se

dos membros. — E não vejo marcas nos pulsos nem nos tornozelos que possam indicar que estivesse amarrada.

— Concordo. Ela já devia estar morta quando foi... *trabalhada*, como disseste.

— Bom, morta ou inconsciente — alertou Cristóvão. — Ela pode ter sido deixada sem sentidos e o assassino fez o seu trabalho com ela a dormir.

— Posso pensar que ela já estava morta? Só de imaginar que ela podia acordar de repente e ver-se a ser estripada... Até dói só de imaginar.

— Também quero acreditar que sim, Marta.

— O pessoal do laboratório? — perguntou Leonardo, estranhando a sua ausência.

— Já foram — adiantou a colega, desviando o olhar.

Leonardo olhou com um toque de provocação para ela.

— Então este local já foi analisado pela Polícia Científica e pelo Cristóvão Martins. E por ti, claro.

Marta rodou sobre os calcanhares e esboçou um sorriso trocista muito ligeiro.

— Exatamente. Agora para de me analisar.

— Então suponho que me tenhas ido visitar a casa — continuou —, não porque já não dava notícias há muito tempo, mas porque me querias convidar para voltar ao ativo. — Abriu a boca de espanto. — Tu ias pedir-me para fazer esta investigação contigo. Foste a minha casa para confirmar se eu estava em condições e eu, feito parvo...

— Agora é tarde demais, Leo. Já fizemos um acordo.

Leonardo estendeu a sua mão e apertou a mão de Marta.

— Bem jogado, M&M. Desta vez apanhaste-me de surpresa. Acho que estar há tantos meses fechado em casa sem trabalhar atrofiou-me o cérebro.

Cristóvão parecia interessado na conversa animada dos inspetores.

— Não estou a perceber nada desta conversa...

— O que se passa é que aqui a minha colega deparou-se com este assassinato e, vendo as semelhanças com um caso muito antigo da PJ, ainda por resolver, achou que iria precisar da minha ajuda. Ora, eu ainda tenho mais umas semanas de baixa. Supostamente só voltaria ao trabalho daqui a uns tempos, mas a M&M achou por bem fazer-me uma visita há bocado, sob pretexto de me ver e saber como eu estava. Segundo ela, estava preocupada comigo porque, bom, digamos que me fechei demasiado na minha bolha — acrescentou, com um pouco de mágoa, o beijo feroso do Natal sem lhe sair da cabeça. — Ela sabia que eu estaria farto de estar em casa e que iria implorar para voltar ao trabalho, principalmente se ela me falasse de alguma investigação em concreto.

Cristóvão olhou de um para o outro, divertido.

— Não me digas que...

— Isso mesmo! Eu implorei-lhe para me integrar nesta investigação, sugeri que seria apenas um consultor e que ela teria a palavra final em tudo, quando, na verdade, ela foi a minha casa para me pedir para sair da baixa médica mais cedo e voltar ao trabalho! Como um igual, claro. Em vez disso, sou apenas consultor.

— Temos pena, Leo. O que está combinado, combinado está. Não há volta a dar.

— E eu a pensar que me estavas a fazer um grande favor.

Marta sorriu e Leonardo sentiu-se em paz, contente por estar novamente na sua presença, feliz por partilhar o mesmo espaço.

— Ah, esta mulher é brilhante — elogiou o médico-legista, divertidíssimo.

Só mesmo quando se chegava a um determinado nível de experiência de homicídios é que se conseguia falar de forma tão animada junto de uma cena de crime tão brutal como aquela. No entanto, por muito divertidos que estivessem, o cenário macabro que se apresentava perante eles atraía sempre os seus olhares, a sua atenção. Não tinha como ser de outra forma.

— Agora voltando a falar a sério — avançou Leonardo —, concordo contigo, M&M. Do pouco que sei sobre o Estripador de Lisboa, este crime tem tudo a ver com ele. Resta-nos saber mais detalhes para vermos até que ponto existem essas semelhanças.

— Pelo que pude analisar da cavidade abdominopélvica, foram removidos vários órgãos da vítima: útero, fígado, os intestinos, além da vagina.

— Tenho ideia de que o Estripador de Lisboa também terá removido órgãos às suas vítimas — disse Marta. — Temos de rever esse caso antigo.

— E eu vou ver se realizo a autópsia ainda esta tarde.

— Sim, era importantíssimo, Cristóvão. Ficar-te-ia eternamente grata.

O médico desfez-se em sorrisos, o rosto a ruborizar perante o afeto da jovem inspetora.

— Quando for fazer a autópsia, ligo-vos para virem assistir.

— Obrigado!

— Bom, agora vamos tratar de remover o corpo da vítima. E os órgãos que estão aí espalhados — acrescentou Cristóvão, cansado.

Leonardo e Marta saíram do barracão, removeram os fatos protetores e cruzaram os braços enquanto viam os técnicos a remover o corpo no saco próprio para cadáveres.

— O que sugeres que façamos, chefe?

Marta sorriu, o ego bem inchado.

— Acho que o próximo passo natural é falarmos com um inspetor que tenha investigado o Estripador de Lisboa há trinta anos. É a melhor forma de nos contextualizarmos.

Ele assentiu e pegou no telemóvel.

— Tenho aqui o número de um inspetor que conheci num congresso há uns anos e que sei que fez parte dessa investigação — revelou, procurando o contacto no smartphone.

— Claro que tens.

— O problema é que o homem já está reformado e está a viver atualmente no Alentejo. Dizem que produz queijos e tudo.

— Pelo menos vê-se que é esperto.

Leonardo parou um momento para olhar para Marta e para assimilar o contexto onde se encontravam. Era estranhamente bom estar de volta àquele ambiente. Ao trabalho. Com a sua parceira. Parecia mentira, mas estava mesmo a acontecer. Estava de volta. Ainda que às custas da vida de uma mulher.

— Leo, está tudo bem?

Ele sorriu e assentiu com ânimo.

— Vamos lá conhecer a história do Estripador de Lisboa.

Nos anos 90, um assassino em série aterrorizou Portugal. Nunca foi detido, nem sequer identificado pela Polícia Judiciária, tornando-se num dos maiores mistérios da justiça portuguesa.

Trinta anos depois, uma mulher é brutalmente assassinada. Os inspetores Marta Mateus e Leonardo Rosa ficam encarregados do caso e, ao observarem a cena sangrenta, recordam-se de um antigo caso idêntico.

**Terá o assassino regressado décadas depois ou trata-se de um imitador?**

Quando mais corpos são encontrados em condições terríveis, a urgência em encontrar o culpado é cada vez maior e os inspetores pedem ajuda a um antigo aliado, para fazer frente a um assassino implacável e impossível de capturar.

Inspirado em factos verídicos, *Fúria Mortal* é uma história alucinante, que mostra os meandros da mente mais macabra que se conheceu em Portugal.

**Conseguirão Marta e Leonardo pôr um ponto final na série de mulheres assassinadas?**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 penguinlivros

ISBN 9789897847493



9 789897 847493 >